

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.003

A FIGURA DO COWBOY E DO VAQUEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS MÚSICAS GHOST RIDERS IN THE SKY E CAVALEIROS DO CÉU

Igor Aquino de Pinho¹
Valéria Costa Nascimento²

RESUMO

As versões de músicas americanas em forró brasileiro são comuns e frequentemente apresentam o cowboy e o vaqueiro como personagens centrais em suas narrativas. Este estudo objetiva principalmente analisar a representação dessas figuras na canção country em língua inglesa *Ghost Riders in the Sky*, de Stan Jones (1948) e na música em língua portuguesa Cavaleiros do Céu (1962) de Haroldo Barbosa, a partir da Análise do Discurso. De forma específica, buscamos: a) relacionar se a versão em forró mantém uma correspondência sintática e semântica com a música original em inglês; b) identificar as divergências e convergências entre as letras das músicas; c) analisar os elementos culturais presentes em cada canção e como eles refletem as tradições do cowboy norte-americano e do vaqueiro nordestino. A metodologia empregada foi de natureza básica, de abordagem qualitativa, com análise bibliográfica e documental. Usamos o referencial teórico a partir de estudos sobre a figura do vaqueiro na poética. Analisamos ambas as letras e melodias a partir de um viés não escriptocêntrico, valorizando não apenas o

1 Mestre pelo Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri- UFCA, igoraquino-depinho@gmail.com;

2 Especialista pelo curso em Ensino da Língua Inglesa da Universidade Regional do Cariri - URCA, valeriacostanascimento@gmail.com;

texto escrito, mas também os elementos poéticos e interpretativos que contribuem para a construção da identidade dessas figuras. Observamos que, enquanto Stan Jones atribui um tom apocalíptico e avassalador à sua narrativa, Haroldo Barbosa enfatiza elementos ligados à cultura nordestina: o boi, a seca e a religiosidade católica. Apesar das diferenças linguísticas, melódicas e culturais, ambas as músicas constroem uma imagem heroica e quase profética do cowboy e do vaqueiro, reforçando seu vínculo com atividades agropecuárias do interior dos Estados Unidos e do Brasil. O estudo contribui para a compreensão de como adaptações musicais dialogam com diferentes tradições culturais, mantendo e ressignificando elementos narrativos e identitários.

Palavras-chave: Vaqueiro, Cowboy, Língua inglesa, Música country, Forró.

INTRODUÇÃO

Versões de músicas americanas em forró brasileiro são práticas comuns no cenário musical nacional, muitas vezes apresentando o *cowboy* e o *vaqueiro* como figuras centrais em suas narrativas. Essas adaptações revelam não apenas um intercâmbio musical, mas também um processo de resignificação cultural, em que elementos estrangeiros são reinterpretados à luz das tradições locais.

É comum observarmos em músicas e narrativas (orais e escritas) a figura do boiadeiro a partir de um arquétipo heroico e pronto para enfrentar as dificuldades impostas a ele. Geralmente apresenta-se como do gênero masculino e com uma predisposição para eventos reais ou insólitos. Desta forma, selecionamos para analisar a música *country* *Ghost Riders in the Sky*, de Stan Jones e escrita em língua inglesa (1948), e a versão da canção em língua portuguesa *Cavaleiros do Céu* (1950), de Haroldo Barbosa.

Para melhor contato entre as versões estudadas, optamos pela versão de Johnny Cash no álbum *Silver* (1979) e a de Alcymar Monteiro no álbum *Vaquejadas e Cavalgadas Inesquecíveis* (2010).

Assim, este estudo tem como objetivo principal analisar a representação dessas figuras – o *cowboy* e o *vaqueiro* – a partir da perspectiva da Análise do Discurso. De forma específica, buscamos: a) relacionar se a versão em forró mantém uma correspondência sintática e semântica com a música original em inglês; b) identificar as divergências e convergências entre as letras das músicas; c) analisar os elementos culturais presentes em cada canção e como eles refletem as tradições do *cowboy* norte-americano e do *vaqueiro* nordestino.

A metodologia utilizada foi de natureza básica, com abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental. As canções foram analisadas a partir de um viés não escriptocêntrico, valorizando não apenas o texto escrito, mas também os aspectos poéticos, melódicos, culturais e interpretativos que contribuem para a construção

simbólica das identidades do *cowboy* e do vaqueiro. Essa abordagem busca compreender como a performance musical também comunica sentidos e valores culturais. Primeiramente trouxemos como essas figuras são retratadas de formas diferentes na cultura da mídia de imagens (escolhemos os quadrinhos) e após essa breve análise contextual, mostramos como o *cowboy* e o vaqueiro mantêm conexões próximas a partir da música.

Apesar das diferenças linguísticas, melódicas e culturais, ambas as músicas constroem uma imagem heroica e quase profética de seus protagonistas, reforçando seu vínculo com as atividades agropecuárias do interior dos Estados Unidos e do Brasil. Assim, percebe-se a priori que a música tem a capacidade de estabelecer um paralelo entre duas figuras mitificadas em contextos rurais distintos.

Este estudo contribui para a compreensão de como adaptações musicais transcendem traduções literais, promovendo diálogos entre diferentes tradições culturais e ressignificando elementos narrativos e identitários. As versões analisadas mostram que a música popular pode ser um território fértil para o encontro entre culturas, mantendo traços da origem e inserindo novos significados locais.

2 O CONTATO ENTRE O FORRÓ E O COUNTRY: A FIGURA DO VAQUEIRO

A atividade musical perpassa todas as culturas e povos. Ela é essencial para a construção da memória coletiva de um grupo, funcionando como um instrumento para o repasse de tradições e símbolos de uma geração para outra. Halbwachs (2013) afirma que os símbolos são elementos que fazem parte da coluna vertebral da memória humana. Assim, podemos ver que a música pode ser entendida como um símbolo (e instrumento) social, uma vez que ela tem a capacidade de ressignificar comportamentos, mas também de criá-los.

Para Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são múltiplos e estão presentes nas mais diversas esferas da atividade humana. Nesse sentido, a música pode ser compreendida como um gênero que representa uma forma de troca de interações entre os indivíduos de uma comunidade. Por meio dela, os sujeitos constroem sentidos coletivos e individuais, utilizando-se de enunciados que são repetidos, reinterpretados e ressignificados ao longo das gerações.

Assim, a música não se limita apenas a uma manifestação estética ou artística, mas configura-se como uma prática discursiva que circula socialmente e é permeada por intencionalidades e contextos históricos. Como ressalta Bakhtin (2016, p. 12), “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Essa afirmação reforça a ideia de que os enunciados musicais se inserem em campos específicos de produção e recepção, moldados pelas condições sociais e culturais de seu tempo.

Ao pensarmos a origem do termo “forró”, vemos que ela ainda é incerta. Segundo Alfonsi (2008) e Abílio e Silva (2024), uma hipótese pouco aceita por linguistas sugere que o nome teria surgido da expressão inglesa “*for all*”, supostamente usada por engenheiros britânicos que se instalaram em Pernambuco durante a construção da ferrovia Great Western (Alfonsi, 2008, p. 29). No entanto, a explicação mais amplamente aceita entre estudiosos aponta para uma derivação das palavras africanas “forrobodó” e “forrobodança”, que significam festa animada e estão associadas à música popular. Por metonímia, esses termos passaram a designar tanto os festejos quanto o próprio gênero musical, como nos mostram Abílio e Silva (2024, p. 26) a partir dos estudos de Câmara Cascudo (1954, p.412-413).

Na cultura nordestina, o forró ocupa um lugar de destaque como um dos gêneros musicais mais valorizados e celebrados. Sua origem remonta ao final do século XIX, alcançando grande popularidade nas primeiras décadas do século XX, especialmente com nomes como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Marinês, entre outros. As temáticas recorrentes nas

canções de forró dialogam com as tradições da cantoria de repente e da literatura de cordel, abordando assuntos como a seca, o boi, a pobreza, as festas populares e, sobretudo, o vaqueiro. Como destacam Pinho et al. (2023, p. 12) sobre essas cantigas orais “geralmente, as músicas eram decoradas ou feitas no improviso, cantando sobre variados temas, que iam da ciência à vida sofrida no sertão oitocentista”.

Dentro do gênero forró, é possível perceber que a figura do vaqueiro constitui um tema recorrente nas canções. Curiosamente, esse personagem também é comum no gênero country americano. O country surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX, com fortes influências da música folclórica local. De modo geral, seus temas são bastante semelhantes aos do forró brasileiro, sendo que as principais diferenças entre os dois gêneros estão mais relacionadas à sonoridade do que ao conteúdo das letras.

Enquanto o forró tem origem, sobretudo, na região Nordeste do Brasil, o country desenvolveu-se no sudeste dos Estados Unidos, contando com importantes expoentes, como apontado pela Billboard em 2024: Dolly Parton, Johnny Cash, Willie Nelson, Loretta Lynn, Hank Williams, entre outros. É interessante notar que a ascensão da música country se deu, em termos temporais, de maneira paralela à do forró, já que ambos os estilos viveram sua era de ouro no início e meados do século XX.

Não é incomum encontrarmos músicas de forró – tanto antigas quanto atuais – que são versões de canções country norte-americanas. Após a Segunda Guerra Mundial, a influência dos Estados Unidos foi decisiva para a aproximação cultural entre os dois países, afetando diversos aspectos da vida brasileira, especialmente a língua. Como observa Pinho (2025, p.1), “com a diversidade de povos, sotaques e culturas que contribuíram para sua formação, a língua inglesa moderna se destaca como um dos idiomas mais influentes do mundo”.

A partir de meados do século XX, com o crescimento exponencial da indústria do entretenimento (cinema, música, televisão), da ciência e da tecnologia, o inglês se tornou a língua dominante em muitas dessas esferas. A televisão, os fil-

mes de Hollywood e, posteriormente, a internet se tornaram veículos poderosos para disseminar a cultura e a língua inglesa globalmente, incluindo o Brasil e outros países lusófonos (Silva, 2025, p.7).

Esse contato cultural e linguístico nos permite observar como as músicas podem funcionar como poderosos instrumentos linguísticos, considerados aqui como gêneros textuais, atuando como ferramentas tanto gramaticais quanto culturais no campo semântico. No escopo desta pesquisa, esse contato se evidencia na análise de músicas country em inglês e suas versões em língua portuguesa – sejam elas traduções literais ou adaptações livres.

Segundo Bakhtin, usamos esses inúmeros gêneros textuais (como cartas, artigos, bilhetes, músicas) de forma natural no dia a dia, mesmo sem saber que eles têm regras, como ele diz: “[e]m termos práticos, nós empregamos [os gêneros] de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência” (2016, p. 38).

De modo geral, observa-se que muitas vezes gênero musical de forró tende a “mimetizar” estruturas rítmicas e lexicais de canções americanas, e não o contrário, devido à forte influência cultural dos Estados Unidos, que historicamente exerce maior poder simbólico em relação ao Brasil, mas obviamente, sem perder a essência brasileira. Nesse sentido, Malachias e Leite (2019, p. 83) afirmam que “constantemente vocábulos ingleses se inserem no léxico português”, e acrescentam que “o contato com diferentes culturas produz efeitos no vocabulário linguístico, assim dão-se os empréstimos” (2019, p. 84).

Esses empréstimos ultrapassam o campo do léxico, alcançando também as produções culturais, como a música. Assim, ao analisarmos algumas canções, podemos compreender de maneira mais profunda como se dá esse contato linguístico, cultural e lexical. Neste estudo, tomaremos como objeto de análise duas produções musicais: a canção *Ghost Riders in the Sky*, de Stan Jones (1948), e sua versão em português, *Cavaleiros do Céu* (1962), de Haroldo Barbosa.

Ao longo desta investigação, examinaremos quais influências e transformações ocorreram na adaptação brasileira da música original e quais são as figuras centrais presentes em ambas as versões, com base na Análise do Discurso, especialmente no modo como a figura do vaqueiro é construída nas duas produções. Tomemos como exemplo uma manifestação cultural imagética (quadrinhos) como ponto de partida, e após isso, adentraremos no gênero musical.

2.1 COMO RETRATA-SE A IMAGEM DO COWBOY AMERICANO E DO SERTANEJO NA CULTURA MIDIÁTICA

Os personagens marginalizados costumam ser representados pela cultura hegemônica por meio de estereótipos e caricaturas. No contexto brasileiro, um exemplo emblemático é a figura de Chico Bento, personagem dos quadrinhos da Turma da Mônica. Ele é retratado como uma criança do meio rural que utiliza uma variação linguística típica do campo, veste roupas simples em comparação aos demais personagens e é frequentemente associado à ideia de limitado acesso à educação formal.

Figura 1. Edição N° 1 da revista do Chico Bento.



Fonte: Maurício de Sousa, 1982.



Esse é apenas um dos inúmeros exemplos que evidenciam como os sertanejos são representados pela grande mídia no Brasil. Em contraste, ao observarmos um personagem de quadrinhos estadunidense, como Tex Willer – um dos mais icônicos heróis dos comic books norte-americanos – notamos uma construção distinta. Embora sua produção ocorra na Itália, seus criadores adotaram elementos enraizados na cultura dos Estados Unidos.

Nesse universo, não se trata de uma figura estigmatizada, mas sim de um cowboy destemido, que combate jagunços e criminosos no Oeste americano do século XIX. Como observa Antunes (2015, p. 11), “neste sentido Tex é criado, imaginado, desenhado em um momento simbólico da construção do ideário de nação estadunidense (entre a Guerra de Secessão e a expansão e modernização do Oeste)”. Cabe ainda destacar que o personagem é fruto de uma lógica hollywoodiana, na qual o cowboy é retratado como um agente da civilização, responsável por promover a paz entre os povos indígenas do Oeste dos Estados Unidos.

Tex e suas diversas aventuras são narradas em histórias em quadrinhos, nos Estados Unidos, além-mar, em outro século. Isto é, os criadores estão colocando Tex na América, porém muito do que é representado na HQ é uma (re)leitura da própria Itália. Além disso, há também a influência da indústria cinematográfica hollywoodiana, que é divulgada no mundo todo, retratando e criando uma imagem própria do Velho Oeste, dos próprios Estados Unidos da América e de seus personagens (índios, brancos), que estão representados nos filmes de Western (Antunes, 2015, p.18).

Em Foucault (1995) podemos observar não apenas os discursos, mas a relação de poder que há entre essas figuras, uma vez que “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relação de poder muito complexas” (Foucault, 1995, p. 232), pois ele “nos lembra de que o discurso é regulado pelas instituições que sempre o vigiam, concedendo a ele um lugar que o honra, porém, o desarma” (Potier, 2021, p.79), compreendendo quais suas relações e visões dos poetas sobre as personagens.

Ainda assim, o paralelo traçado e percebido é que essa figura é observada aos olhos dos editores italianos e o público leitor não como alguém de fora da sociedade, mas como um agente transformador da cultura.

Figura 2. Capa da edição 124 da revista Tex.



Fonte: Editora Globo, 1997.

Observa-se, portanto, que, ao menos na cultura estadunidense, o *cowboy* é representado como uma figura forte, heroica e de grande relevância simbólica. Em contrapartida, no contexto brasileiro, personagens como Chico Bento — ainda que uma criança — carregam traços associados ao imaginário hegemônico que marginaliza o sertanejo. Ele é retratado como alguém frágil, com fala considerada “engraçada” por fugir da norma culta, e distante dos centros urbanos e da modernidade.

Embora haja essa discrepância nas representações dos quadrinhos, em que o *cowboy* é valorizado e o sertanejo estigmatizado (ainda que, neste caso, Chico Bento não seja um vaqueiro propriamente dito), no campo musical essa diferença tende a se atenuar. Nesse âmbito, observam-se aproximações significativas entre as figuras do vaqueiro e do *cowboy*, revelando contatos simbólicos e culturais mais estreitos do que contraditórios.

2.2 O COWBOY ESTADUNIDENSE E O VAQUEIRO NORDESTINO NAS MÚSICAS

O que acontece no campo musical é bastante diferente do que vemos nos quadrinhos, uma vez que tanto na música country americana quanto no forró nordestino o personagem retratado nas músicas aparece como um ser na qual todas as dificuldades, os personagens secundários e a trama retratada gira em torno do centro gravitacional do personagem. Figuras míticas e insólitas também costumam aparecer nas composições desse tema, com símbolos religiosos -em sua grande maioria cristãos- com elementos na natureza. Mesmo que uma música ou estilo musical que usa esse ser como elemento central não possa nos revelar a totalidade de como ele é abordado, podemos selecionar duas músicas conhecidas pelo público brasileiro e americano a fim de que ilustramos como acontecem determinados paralelos e retratações.

Tomemos como exemplo a música *The Greatest Cowboy of Them All*, de Johnny Cash (1991) lançada no álbum *The Mystery of Life*, conta a história de um homem que fala sobre seu herói: um cowboy místico e lendário.

*Have always had my heroes I've loved a lot of legends
Many men in my mind are ridin' tall
But my cowboy hero hats off to the man who rode a donkey
He's the greatest cowboy of them all (Cash, 1991).*

Sendo uma composição com um forte simbolismo religioso e espiritual, escrita de forma poética usando a imagem do cowboy, que é uma figura típica da cultura americana, como uma metáfora para Jesus Cristo. Aqui ele reconhece que, apesar de muitos heróis, o verdadeiro herói é “o homem que montou um jumento” – referência direta a Jesus, que entrou em Jerusalém montado num jumento, conforme relatado na Bíblia.

Desta forma também encontramos paralelos simbólicos semelhantes na música de forró/toada “*A morte do vaqueiro*”, composta por Luiz Gonzaga do Nascimento e Nelson Barbalho de Siqueira em 1963. A música é

um memorial de Raimundo Jacó (vaqueiro conhecido no sertão pernambucano e primo de Luiz Gonzaga), segundo Gomes e Lima (2022, p.300) “o Rei do Baião, utiliza de elementos do aboio de vaqueiro para espalhar pelo Brasil a situação dos vaqueiros no Nordeste, e expressar sua indignação pelo caso de seu primo”.

Ei, gado, oi
Sacudido numa cova
Desprezado do Senhor
Só lembrado do cachorro
Que inda chora
Sua dor
É demais tanta dor
A chorar com amor (Gonzaga, 1983)

Na canção o vaqueiro é retratado como uma figura central do sertão, símbolo de resistência, coragem e conexão com a terra, mas que morre pobre e esquecido. Sua morte é silenciosa e esquecida que vive com bravura, mas morre no anonimato e na pobreza. O evento é cercado de forte simbologia religiosa, evocando abandono espiritual, ausência de rituais dignos e uma espécie de martírio silencioso. O lamento do gado e o choro do cachorro funcionam como uma oração da natureza, reconhecendo o valor de quem foi ignorado pelos homens e pelas instituições.

Há dois paralelos entre as canções: o simbolismo religioso e a figura central do vaqueiro. Enquanto na música em inglês o *cowboy* é visto como uma figura quase divina, uma representação de Jesus que guia e acolhe com amor cada um de seus seguidores, na música nordestina o vaqueiro é profundamente humano, real, marcado pelo sofrimento e pelo abandono. O *cowboy* é exaltado como um herói espiritual que voltará um dia para conduzir os justos aos céus; já o vaqueiro, apesar de sua bravura e dedicação, morreu pobre, esquecido, sem sequer um enterro digno — sendo lembrado apenas pelo choro do cachorro e pelo mugido do gado. As duas músicas, embora de contextos tão diferentes, falam de fé, de

perdas e de figuras que, cada uma a seu modo, representam um tipo de sagrado: o sagrado que salva e o sagrado que sofre.

Para Gil Filho (2008, p.28), “o resgate do sagrado é a tentativa de encontrar o âmago da experiência religiosa”, estabelecendo uma relação direta entre o indivíduo religioso e suas ações cotidianas. A dimensão do sagrado, nesse contexto, se insere dentro de uma cultura onde sua presença se manifesta e se reconhece por meio de dinâmicas ligadas ao tempo e ao espaço. Compreende-se, portanto, que a noção de sagrado atua como uma forma alternativa de interpretação do mundo, oferecendo uma leitura que vai além da lógica racional. Ela se apresenta como um caminho simbólico capaz de atribuir sentido à realidade vivida, situando-se entre a racionalidade expressa nos símbolos culturais e a força subjetiva do sentimento religioso.

Essa influência simbólica e linguística permanece viva na contemporaneidade, manifestando-se tanto por meios analógicos – como discos de vinil e CDs físicos – quanto pelas atuais plataformas digitais de streaming, como Spotify, YouTube Music e Deezer. Segundo Barbosa (2020), “o consumo de música internacional através de plataformas digitais facilitou a assimilação de palavras em inglês, especialmente na indústria do entretenimento, que tem grande apelo entre os jovens”. Assim, independentemente da temporalidade da memória em que se inscreve o registro musical – seja em inglês ou em português –, há sempre espaço para trocas culturais significativas entre as línguas.

Nesse sentido, é possível realizar uma análise comparativa entre versões de uma mesma canção, originalmente composta em inglês e posteriormente adaptada para o português. A música escolhida para este estudo é *Ghost Riders in the Sky*, de Stan Jones (1948), e sua versão brasileira, Cavaleiros do Céu, adaptada por Haroldo Barbosa em 1962. Por meio da comparação entre as letras nas duas línguas, torna-se possível observar como, mesmo em uma única obra musical, podem emergir diferentes ideias, ideologias e construções de sentido – além das distinções rítmicas – que refletem as especificidades culturais de cada idioma.

3 GHOST RIDERS IN THE SKY E CAVALEIROS DO CÉU: CONTATOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

Como já abordado anteriormente, a figura do vaqueiro é vista dentro das músicas de forró como um modelo destemido e de coragem, na qual as impossibilidades lhe são apresentadas e derrotadas. Geralmente, tanto na cultura brasileira quanto na americana, esse arquétipo parece ter características muito semelhantes. Na música composta em 1948, o compositor americano Tom Jones se inspirou na realidade em duas músicas folclóricas, datadas do século XIX; a primeira intitulada de “*Johnny I Hardly Knew Ye*” (composta por Joseph B. Geoghegan) e a outra sendo “*When Johnny Comes Marching Home*” (escrita por Patrick Gilmore em 1863, no contexto da Guerra Civil Americana).

No entanto, Tom Jones apenas se apoiou na melodia para construir sua canção, modificando totalmente o significado e a letra da música (Rádio Batuta, 2014). Ainda segundo o episódio “Cavaleiros do Céu” do quadro “Como e por que nascem as canções” do podcast da Rádio Batuta (2014, online), Tom Jones havia olhado para o céu e visualizado estranhos cavaleiros cavalgando por dentro delas.

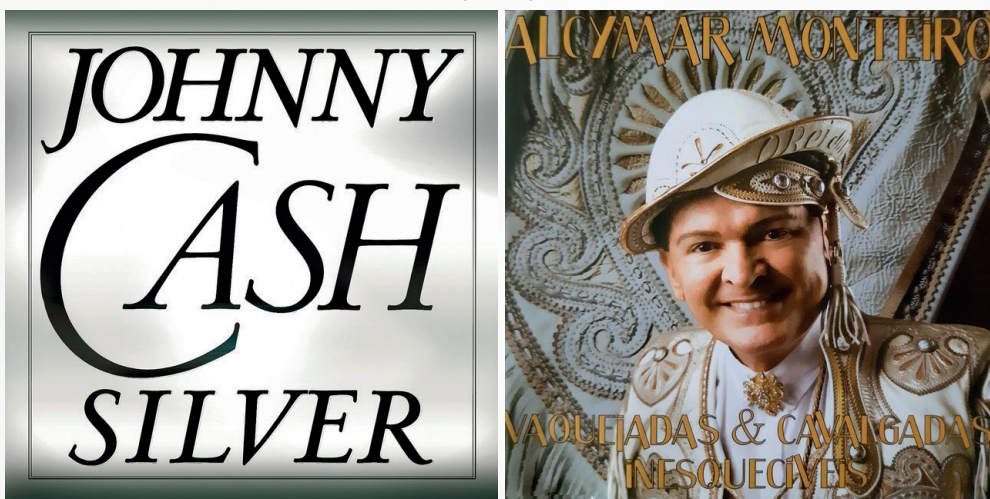
No cenário musical brasileiro, já em 1950, Haroldo Barbosa demonstrava sua sensibilidade e inquietação criativa ao buscar novas possibilidades de expressão. Encantado com a música de Jones, ele compôs uma versão em português que mantinha, sempre que possível, a essência melódica e lírica da canção original. No mesmo ano, em 3 de agosto, Nilo Sérgio e o grupo Garotos da Lua deram voz a essa adaptação, registrando-a no disco Todamérica TA-5015³ (1950). Embora apresentasse algumas diferenças na melodia, a gravação procurava respeitar a estrutura da composição original. Vale lembrar que essa primeira versão não era ainda um forró, mas sim uma interpretação mais próxima da música popular brasileira ou mesmo de elementos do folclore nacional. O olhar atento de Haroldo

3 Disponível em formato digital em: <https://discografiabrasileira.com.br/disco/109248/todamerica-ta-5015>. Acesso em 22 de junho de 2025.

para as transformações musicais da época revela sua importância como ponte entre culturas e estilos.

A fim de traçarmos as análises propostas neste estudo entre *Ghost Riders in the Sky* e Cavaleiros do Céu, optamos por escolher a versão em língua inglesa interpretada por Johnny Cash e gravada em 1979 no álbum *Silver*⁴ (de gênero *country*) e a versão em português do cantor e intérprete Alcymar Monteiro no álbum *Vaquejadas e Cavalgadas Inesquecíveis*⁵ (2010) em estilo forró.

Figura 3. Capa dos álbuns *Silver* (1979) e *Vaquejadas e Cavalgadas Inesquecíveis* (2010).



Fonte: Spotify (2025), reprodução.

Cash é um dos maiores cantores dos Estados Unidos com músicas gravadas por inúmeros artistas, além de ser um dos artistas de destaque da geração beat americana dos anos 1960. Ele é conhecido pela sua voz marcante e inesquecível, com gravações icônicas como “*You Are My Sunshine*”, “*Hurt*”, “*Ballad Of Boot Hill*”, “*Ghost Riders In The Sky*”, “*Ring Of Fire*” entre tantas outras.

4 Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/5LWwHggYqghd6HNBvYl6W7>. Acesso em 22 de junho de 2025.

5 Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3XajtbnMFOREaVFObBCQo>. Acesso em 22 de junho de 2025.

Já no Brasil, o cantor de forró Alcymar Monteiro é uma das figuras mais conhecidas da música popular brasileira e do nordeste do país. Ele é reconhecido por ter o título de Rei do Forró pela Ordem do Mérito Cultural em 2016. Ferrenho defensor da música tradicional nordestina, Alcymar coleciona inúmeros sucessos como “Pirilampos”, “Forroteria”, “Rosa dos ventos” etc.

3.1 A LETRA DAS MÚSICAS E SEU PARALELO LÍRICO

A fim de analisar se as letras de ambas versões mantém particularidades sintáticas e semânticas, a priori devemos conhecer as letras na íntegra, e a partir daí analisar os versos sistematicamente. Retiramos as letras das músicas do site “Letras.mus”.

Tabela 1. Letra das músicas analisadas em inglês e português.

An old cowboy went ridin’ out one dark and windy day	Vaqueiro nordestino, destemido e valentão Corria em seu cavalo pela noite no sertão
Upon a ridge he rested as he went along his way	No céu porém a noite, ficou rubra no clarão
When all at once a mighty herd of red eyed cows he saw	E viu passar no fogaréu Um rebanho no céu
A-plowin’ through the ragged skies, and up a cloudy draw	Ypieaeae ypiaoohh Ypieaeae ypiaoohh
Their brands were still on fire and their hooves were made of steel	Correndo pelo céu
Their horns were black and shiny and their hot breath he could feel	As rubras ferraduras, punham brasas pelo ar
A bolt of fear went through him as they thundered through the sky	Os touros como fogo, galopavam sem parar
For he saw the riders commin’ hard, and he heard their mournful cry	Atrás vinham vaqueiros como loucos a gritar
Yippie-yi-ohhh, yippie-ya-yaaay	Vermelhos à queimar também
Ghost riders in the sky	Galopando para o além
Their faces gaunt, their eyes were blurred, their shirts all soaked with sweat	Ypieaeae ypiaoohh Ypieaeae ypiaoohh
He’s ridin’ hard to catch that herd, but he ain’t caught’em yet	Seguindo para o além
’Cause they’ve got to ride forever on that range up in the sky	Um vaqueiro ao passar gritou dizendo assim
On horses snorting fire, as they ride on hear their cry	Cuidado companheiro, tu irás para onde eu vim

As the riders loped on by him, he heard
one call his name
If you want to save your soul from hell a-ri-
din' on our range
Then cowboy change your ways today or
with us you will ride
Tryin' to catch the devil's herd, across these
endless skies
Yippie-ya-ohhh (yippie-ya-ohhh), yippie-ya-
-yaaay (yippie-ya-yaaay)
Ghost riders in the sky

Senão mudas de vida tu terás o mesmo
fim
Querer pegar no fogaréu, um rebanho no
céu
Ypieaee ypiaooohh
Ypieaee ypiaooohh
Correndo pelo céu
Vaqueiro nordestino, destemido e valentão
Corria em seu cavalo pela noite no sertão
No céu porém a noite, ficou rubra no cla-
rão
E viu passar no fogaréu
Um rebanho no céu
Ypieaee ypiaooohh
Ypieaee ypiaooohh
Correndo pelo céu!
As rubras ferraduras, punham brasas pelo
ar
Os touros como fogo, galopavam sem
parar
Atrás vinham vaqueiros como loucos a
gritar
Vermelhos à queimar também
Galopando para o além Seguindo para o
além!

Fonte: Os autores, 2025.

Em *Ghost Riders in the Sky*, o autor cria uma esfera de tensão sobrenatural e mística, mergulhando o ouvinte em uma narrativa envolta em presságios e condenação. A música narra a experiência de um vaqueiro que, em um momento de visão aterradora, se depara com um bando de bois de olhos flamejantes e cascos de ferro, enquanto fica galopando violentamente pelos céus tempestuosos. Esses animais são perseguidos eternamente por almas penadas de antigos caubóis, condenados a cavalgar pelos ares em uma caçada sem fim. Um aviso sombrio é então dirigido ao protagonista: se ele não abandonar o caminho que segue – marcado por escolhas erradas e uma vida de pecado – também será fadado a compartilhar do mesmo destino, vagando eternamente pelos céus, tentando em vão capturar o gado demoníaco em uma jornada sem salvação, como sintetizado no trecho:

Then cowboy change your ways today or with us you will ride
Tryin' to catch the devil's herd, across these endless skies (Jones, 1948)

Na versão brasileira *Cavaleiros do Céu*, a atmosfera sobrenatural também é cuidadosamente construída, agora enraizada no universo simbólico e cultural do sertão nordestino. O protagonista é um vaqueiro corajoso e destemido, que galopa pela noite escura do sertão até ser surpreendido por uma visão mística: um céu em clarão, tomado por um rebanho flamejante que atravessa o firmamento em meio ao fogo e à brasa deixada pelas ferraduras dos touros. A cena ganha contornos apocalípticos quando vaqueiros em chamas surgem em desespero, gritando como loucos enquanto perseguem o gado encantado rumo ao além. A canção insere, assim como na versão original, um aviso direto ao vaqueiro – um grito de outro mundo que o adverte sobre seu destino caso não mude sua trajetória de vida. Podemos perceber isso principalmente na seguinte estrofe:

Seguindo para o além
Um vaqueiro ao passar gritou dizendo assim
Cuidado companheiro, tu irás para onde eu vim
Senão mudas de vida tu terás o mesmo fim
Querer pegar no fogaréu, um rebanho no céu (Barbosa, 1962)

A priori, é importante destacar que a versão de Haroldo Barbosa de 1962, no primeiro verso, há trecho “Vaqueiro do Arizona, desordeiro e beberrão”, enquanto que na versão escolhida para este estudo, no álbum de 2010, Alcymar Monteiro modificou o trecho, ficando assim: “Vaqueiro nordestino, destemido e valentão”, a fim de dar uma característica heroica ao vaqueiro da canção. No resto da letra da música não há mais modificações.

Assim, ao analisarmos ambas as músicas, encontramos pontos de divergência e convergência em cada trecho da música, principalmente na parte relacionada a narrativa da canção, como mostrados no quadro abaixo:

Tabela 2. Principais pontos de contato entre as músicas analisadas.

Convergências	Divergências
<p>Narrativa sobrenatural:</p> <p>Ambas as músicas descrevem uma visão fantástica/sobrenatural de um rebanho fantasma que galopa pelos céus.</p>	<p>Ambientação geográfica/cultural:</p> <p>Inglês: Velho Oeste norte-americano (<i>cowboy</i>, canyon, céu tempestuoso). Português: Sertão nordestino brasileiro (vaqueiro, noite no sertão, fogo no céu).</p>
<p>Imagética do fogo e céu:</p> <p>As duas letras usam imagens de fogo, céu vermelho, animais com olhos/ferraduras flamejantes para criar uma atmosfera de julgamento ou condenação.</p>	<p>Idioma e estilo poético:</p> <p>A versão brasileira tem um vocabulário e métrica mais adaptada à oralidade do sertanejo nordestino, enquanto a versão inglesa carrega traços do country e do western norte-americano.</p>
<p>Personagens semelhantes:</p> <p><i>Cowboy</i> no original e vaqueiro nordestino na versão brasileira – ambos representando figuras tradicionais de coragem, solidão e ligação com a terra/gado.</p>	<p>Extensão e repetição:</p> <p>A versão brasileira repete trechos inteiros, reforçando elementos como “um rebanho no céu”, enquanto a versão original tem estrutura mais linear.</p>
<p>Cavalgada eterna:</p> <p>O destino dos cavaleiros amaldiçoados é o mesmo: cavalgar para sempre em busca de um rebanho inalcançável.</p>	
<p>Presença de um aviso espiritual:</p> <p>Um dos cavaleiros/fantasmas se dirige diretamente ao protagonista para alertá-lo sobre seu destino caso não mude de vida.</p>	
<p>Refrão onomatopeico:</p> <p>“O Yippie-yi-ohhh, yippie-ya-yaay” em inglês e o “Ypieaee ypiaoohh” em português têm a mesma função sonora de reforçar a atmosfera mítica e rítmica da música.</p>	

Fonte: Os autores, 2025.

A versão em forró da canção “*Ghost Riders in the Sky*”, adaptada como “Um Rebanho no Céu”, mantém uma correspondência semântica bastante próxima da obra original. A essência da narrativa – um vaqueiro/*cowboy* que tem uma visão sobrenatural de um rebanho amaldiçoadado galopando pelo céu – é preservada, assim como o tom de advertência moral. Ambas as letras constroem uma atmosfera mística e assustadora,

reforçada por imagens visuais fortes, como animais flamejantes, céu em chamas e cavaleiros condenados a cavalgar eternamente. Do ponto de vista sintático, a versão em português reorganiza a estrutura frasal e adota um ritmo mais cadenciado e repetitivo, característico do forró, o que mostra uma adaptação mais estilística do que literal.

No entanto, há divergências significativas nas ambientações e nos elementos culturais que compõem cada letra. Enquanto a versão americana retrata o Velho Oeste, com cowboys, cavalos e desfiladeiros, a adaptação em forró mergulha no universo do sertão nordestino, com vaqueiros, rebanhos de touros flamejantes e uma paisagem marcada pela seca e pelo fogo. A linguagem na versão brasileira também é mais oral e repetitiva, criando uma musicalidade própria ao gênero forró, mesmo que essa mudança não enfraquece o sentido original, mas, ao contrário, é ressignificado dentro de uma nova cultura, reforçando a força simbólica da música ao aproximá-la do público local

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta análise, é possível perceber que “Cavaleiros do Céu”, a versão brasileira da clássica “*Ghost Riders in the Sky*”, não apenas traduz uma música, mas reconstrói uma história com alma nordestina. A canção adaptada por Haroldo Barbosa e eternizada na voz de Alcymar Monteiro resgata o vaqueiro como herói de sua própria terra, enfrentando os mesmos dilemas existenciais que o cowboy americano – o confronto com o sobrenatural, a culpa, a possibilidade de redenção e o peso de suas escolhas. A essência da narrativa permanece, mas agora pulsa no ritmo do forró, com as imagens do sertão queimado, da noite em clarão e do gado em brasa cruzando o céu.

Apesar de serem criações em idiomas, estilos e contextos diferentes, as duas músicas se encontram num ponto comum: ambas retratam homens solitários, moldados pelo esforço diário no campo, confrontados com uma visão apocalíptica que lhes impõe uma reflexão profunda sobre

suas vidas. Seja nas pradarias do meio oeste americano ou na caatinga nordestina, o cavaleiro – seja ele um vaqueiro ou cowboy – carrega um fardo, uma história de luta e uma ligação quase espiritual com a terra, o gado e os céus que observam tudo.

O mais interessante, talvez, seja ver como a música consegue atravessar fronteiras geográficas e culturais mantendo seu poder simbólico. A adaptação brasileira não tenta copiar o original – ela o reinventa com respeito e criatividade. As imagens são ressignificadas, os cenários se transformam, e a melodia se adapta ao gosto e à tradição de outro povo. Mas a mensagem continua a mesma: o chamado à mudança, o alerta diante da perda, e a esperança de um caminho diferente, ainda que difícil.

Concluimos, então, que podemos entender como traduções musicais como essa são muito mais que exercícios de linguagem: são pontes culturais. Elas mostram como histórias podem ganhar novas cores, novos sotaques e novos significados, sem perder o que têm de mais precioso – a capacidade de tocar quem escuta. No fim das contas, seja um cowboy americano ou um vaqueiro nordestino, a canção continua ecoando pelos céus, levando consigo os ecos de figuras míticas que ainda galopam na arte e na memória.

REFERÊNCIAS

ABILIO, Gabriel Contini; DE MELLO SILVA, Edna. A FALSA ORIGEM DO FORRÓ: Pseudoetimologia e a construção do nordestino no imaginário histórico. **Revista Espacialidades**, v. 20, n. 01, p. 14-39, 2024.

ALFONSI, Daniela do Amaral. **Para todos os gostos**: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do forró. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008. Acesso em: 14 de outubro de 2025.

ANTUNES, Aline Ferreira. **Tex Willer: o mito do herói estadunidense produzido na Itália**. 2015. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BARBOSA, M. A influência da música internacional no vocabulário da juventude brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 36, n. 2, p. 158-172, 2020.

BARBOSA, Haroldo. **Cavaleiros do Céu**. Intérprete: Nilo Sérgio / Garotos da Lua. Compositor: Haroldo Barbosa. In: Todamérica TA-5015. Rio de Janeiro: Todamérica, 1950. Vinil (2:40min).

CÂMARA CASCUDO, Luis. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10a edição. São Paulo: Ediouro, 1954.

CASH, Jhonny. **Ghost Riders In The Sky**. Nova Iorque: Sony Music Entertainment, 1979. Disponível em: <https://www.johnnycash.com/music/silver/>. Acesso em 14 de outubro de 2025.

FOCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (org.). **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado; estudos em geografia da religião**. Curitiba, IBPEX, 2008.

GOMES, Jeniel Silva; DE LIMA, Lilian Castelo Branco. 22. Aboio de vaqueiro: representação do vaqueiro e de seu canto na música “A morte do vaqueiro”, de Luiz Gonzaga do Nascimento e Nelson Barbalho de Siqueira. **Revista Philologus**, v. 28, n. 84 Supl., p. 292-305, 2022.

GONZAGA. **A Morte do Vaqueiro**. RCA/BMG, 1963. Online. Disponível em: A Morte do Vaqueiro – YouTube. Acesso em: Acesso em: 16 jun. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

JONES, Tom. Ghost Riders In The Sky. Reino Unido: Disneyland:1948. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/5035394-Stan-Jones-Creakin-Leather>. Acesso em: 14 de outubro de 2025.

MALACHIAS, Elaine Patrícia; LEITE, Aline Fernanda Ventura Sávio. Estrangeirismo linguístico: as influências do inglês no vocabulário de língua portuguesa no Brasil. **Revista de Comunicação Científica**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 80-89, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/3669>.

Acesso em: 16 jun. 2025.

MONTEIRO, Alcymar. **Cavaleiros do Céu**. S.l: iTunes, 2010. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/3lePtpar6Scfjla5ROZpt6>. Acesso em 14 de outubro de 2025.

PINHO, I. A. de; PINHO, A. P. de; PINHO, Ítalo A. de; LUSTOSA FILHO, R. C.; MIRANDA, A. M. de L.; NASCIMENTO, V. C.; GUIMARÃES, E. C.; GONÇALVES, L. R. As relações entre as temporalidades da memória do folheto nordestino. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 12, p. e6853, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n12-059. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6853>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PINHO, Igor Aquino de. A importância da língua inglesa no ingresso ao Ensino Superior: Análise das provas do Instituto Tecnológico de Aeronáutica de 2020 a 2025. **Revista FaSouza**, vol. 85, 2025. Disponível em: <https://souzaeadrevistaacademica.com.br/edicao.aspx?revista=20E0B508EB62D54C6787E72E175E03A10CE94E40>. Acesso em: 14 de outubro de 2025.

POTIER, Robson William. **Reunindo cordéis, colecionando memórias: Juazeiro do Norte narrada pela Coleção Centenário – Literatura de Cordel (2011)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

RÁDIO BATUTA: **Cavaleiros do céu**. [Locução de]: João Máximo. s.l: Instituto Moreira Salles, 22 jan. 2014. Podcast. Disponível em: <https://radiobatuta.ims.com.br/programas/como-e-por-que-nasceram-as-cancoes/cavaleiros-do-ceu>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, Joyce Kelly Alves da. **A influência do inglês na língua portuguesa, devido à globalização**. 2024. 30 f. Monografia (Licenciatura Plena em Letras Português) – Universidade Estadual do Piauí, Elesbão Veloso, 2025.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento: Óia nós aqui!**. São Paulo: Editora Abril vol. 1, 1982.

THE GREATEST Cowboy of Them All. Intérprete: Johnny Cash. Compositor: Johnny Cash. *In*: **THE MYSTERY Of Life**. Intérprete: Johnny Cash. Nashville: UMG Recordings, 1991. CD, (3:34 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/5JP2dKzcaMzCMGSNdDMiVq>. Acesso em: 15 out. 2025.